

JORNAL CORREIO DA MANHÃ

DATA 22-2-64

PAGINA _____

LUGAR GUANABARA

ASSUNTO Ivan e a Bienal de Veneza

86
duplicata

Os críticos de arte e o Itamarati

CM 22-2-64



Tela recente de Ivan Serpa, da série que já publicamos, duas das quais foram incluídas, por doação, no acervo do Museu de Arte Moderna do Rio. Um pintor inquieto, indagador, sensível e implacavelmente sincero e independente na sua maneira de ver, rever e criar

Por proposta do crítico Mário Pedrosa, seu presidente, a Associação Brasileira de Críticos de Arte, reunida em sessão extraordinária em 4 de fevereiro, após ligeiros debates sobre o Pavilhão do Brasil na Bienal de Veneza, quando ficou resolvido que fosse pedido ao Itamarati informes a respeito desse pavilhão, manifestou-se contrária aos critérios que têm prevalecido na remessa de exposições brasileiras para o exterior. Resolveram os críticos expor a situação ao Departamento Cultural e de Informações do Ministério das Relações Exteriores, ao Serviço de Documentação e à Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, ao Conselho Nacional de Cultura e ao próprio ministro da Educação e Cultura. A exposição de Mário Pedrosa, aprovada por unanimidade, é a seguinte:

"Tem-se verificado há alguns anos, e mais ainda recentemente, diversas iniciativas assumidas pelos órgãos e entidades oficiais referentes a Exposições de Artistas Contemporâneos Brasileiros em diversas cidades estrangeiras e vários outros movimentos atinentes às Artes Plásticas para as quais nenhuma consulta nem convite são dirigidos à Associação Brasileira de Críticos de Arte, direta ou indiretamente, através de seus membros. Podemos assinalar o elevado número dessas iniciativas nesses últimos três anos por parte do Departamento Cultural do Ministério das Relações Exteriores, incluindo os trabalhos de escolha e representação de artistas brasileiros em exposições coletivas e bienais estrangeiras, para as quais a Associação daqueles que exercem profissionalmente Crítica de Arte, não é solicitada. Podemos informar ter sido a última vez de uma solicitação de participação da Associação Brasileira de Críticos de Arte, ao tempo da gestão do ministro Lauro Escorel, entre outras, destacando a da última Bienal de Veneza em 1962. A pretensão desta Associação não é uma imposição nem procura ferir os dispositivos legais das entidades que lhes dão autonomia completa. Por estes aspectos nos expressamos em forma de apelo desejando chamar atenção para a ausência nas seleções mais responsáveis dos valores de nossa produção artística exatamente daqueles que se dedicam e exercem profissionalmente os trabalhos de análises, registros, divulgação e promoção dos artistas. Não temos o empenho de duvidar dos critérios assumidos. Entretanto, nos é possível afirmar que a ausência dos críticos de arte nessas iniciativas torna as mesmas demasiadamente definidas como atitudes parciais e decisões pessoais em assuntos que exigem um esforço de equipe com a participação do trabalho especializado. As seleções quando realizadas exclusivamente por meios oficiais, tendem naturalmente a dar ênfase aos critérios seletivos, aos fatores de prestígio social e nacional em detrimento dos critérios fundamentais de ordem estética e artística. Estes, dentro da relatividade cultural inevitável, devem prevalecer, pois são os únicos que em definitivo soerguem o bom nome cultural e artístico do País no estrangeiro. Em decorrência da ausência de crítico de arte em tais oportunidades as mesmas se reduzem a um noticiário oficioso, geralmente desfiguradas da análise crítica e do comentário que lhes pudesse dar um melhor plano de atenção, e uma desejável e justificada presença nos estudos críticos de nossa contemporaneidade. Outra desvantagem considerável nesta contingência é a dúvida que possa restar quanto ao acerto, a justiça e a conveniência da escolha, uma vez que não se desconhece os meios habituais de influência e de procura que não se faz em nome do mérito, porém apenas em nome dos interesses, das vaidades, das ambições e de oportunismo. Nosso apelo, ao invés de significar protesto, tem os termos do desejo de uma cooperação, sem ônus para o Estado e com todo o ânimo para o melhor e o mais acertado empenho oficial nas iniciativas. O grande número dos componentes da Associação são conhecedores por participação direta dos diversos problemas das principais exposições internacionais, especialmente das Bienais de Veneza, sendo inegável a oportunidade de uma colaboração nos esclarecimentos."

Itinerário das Artes Plásticas

JAYME MAURICIO

Artista Total: Lacerda

O sr. Carlos Lacerda, depois de ter-se libertado dos seus quadros abstratos e ter realizado trocas por figurativos, iniciou uma plantação de rosas só para chatear o Burtle Marx e recentemente começou uma fase de naturezas mortas, óleo sobre tela, com vistas irônicas para o José Paulo Moreira da Fonseca, Carlos Scliar e Marcier. Há uns 15 anos o sr. Carlos Lacerda exerceu, ocasionalmente, a crítica de arte. Bruno Giorgi foi cantado em prosa pelo então jornalista. Junte-se a isso o atual "caso" com os arquitetos e urbanistas e teremos no nosso plástico governador a ambicionada encarnação do "artista total". Sem falar no antagonismo ao Museu de Arte Moderna do Rio, cuja verba ele terá vetado talvez por não ter a instituição notado os seus talentos plásticos-visuais.

Reproduções no Museu

Informa a embaixada da França que o Museu de Arte Moderna do Rio, em colaboração com os Serviços Culturais daquela embaixada, vai inaugurar no próximo dia 3 de março, às 18 horas, uma exposição de reproduções de arte de pintores franceses contemporâneos. A mostra ficará aberta até o dia 15 do mesmo mês.

Miguel Angelo: 400 anos

Na primeira página deste caderno publica-se amanhã uma homenagem aos 400 anos d. morte de Miguel Angelo, ocorrida no dia 19 do corrente mês.

O Museu do Rio na Bienal de Veneza

A próxima Bienal de Veneza (junho) vai apresentar uma exposição *sui generis*, orientada e selecionada por uma comissão integrada pelos críticos G. C. Argan, Jacques Lussaigne, Kurt Martin, R. Penrose e Umbrò Apollonio. O nome: Arte de Hoje nos Museus. A comissão solicitou a lista do acervo de todos os museus modernos do mundo e escolheu apenas 18 para constarem da mostra. Entre esses 18 figura o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, o único escolhido da América Latina, ao lado do Museu de Arte Moderna de Nova York, os dois únicos museus das Américas.

A exposição busca focalizar a arte atual que existe nos museus, de 1950 até 1964 — a arte dos últimos 14 anos no acervo dos museus. Aceitando o acervo do Museu carioca, a Bienal solicitou aos seus diretores que escolhesse 10 peças do acervo para constarem da mostra. Foram escolhidos os seguintes pintores nacionais: Antônio Bandeira, Manabu Mabe, Ivan Serpa, Estrangeiros: Hartung, Manessier, Nay, Nicholson, Santomaso, Soulages, Sugai. Esta será a seleção do Museu de Arte Moderna do Rio que estará presente nessa mostra da Bienal de Veneza. No catálogo, cada museu fará um pequeno histórico da sua vida e do critério que orientou a aquisição dessas obras.

É curioso lembrar que quase toda a crítica brasileira condenava — e muitas vezes com violência — a aquisição desse acervo que hoje é reconhecido por essa categorizada comissão numa seleta reunião de museus onde só foram aceitos os acervos seguintes: Museu Nacional de Arte Moderna de Paris, Tate Gallery de Londres, Galeria Nacional de Arte Moderna de Roma, Stedelijk Museum de Amsterdã, Museu de Arte Moderna de Nova York, Galeria Nacional de Berlim, Museu dos 20 de Viena, Wallraf-Richartz-Museum de Colônia, Kunsthalle Hamburger de Hamburgo, Bayerischen Staatsgemaldegemsgungen de Munique, Stadtische Kunsthalle de Mannheim, Kunstmuseum de Staat de Krefeld, Museu Cívico de Torino, Nasjonal Gallerriet de Oslo, Museu de Arte Moderna de Estocolmo, Kunsthau de Zurique, Galeria de Zagrebe e o Museu de Arte Moderna do Rio.

Cogitou o Museu de enviar também um Krajcberg, mas infelizmente em seu acervo ainda não há um óleo do pintor.